

# REDES MIGRATÓRIAS: A IMPORTÂNCIA DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO MIGRATÓRIO HAITIANO

MIGRATION NETWORKS: THE IMPORTANCE OF FAMILY IN THE HAITIAN MIGRATORY PROCESS

\*Lara Noronha Xavier

Recebido em: 07/04/2020

Aceito em: 19/05/2020

## Resumo

O presente artigo visa compreender como as redes migratórias haitianas se constituem em todo seu processo. Dando uma maior ênfase em como se constituem e se organizam as conexões feitas por familiares. Pretende-se compreender, a partir de uma análise bibliográfica, como essas redes se constituem e qual a importância delas no processo como um todo. Sabendo que a migração é uma atividade coletiva, o migrante deve um retorno aos que o ajudaram a cumprir a projeto migratório, normalmente esse retorno é dado por meio de remessas de dinheiro ou pela migração de parentes para a localidade que o sujeito está migrado.

**Palavras-chave:** Família; Migração haitiana; Redes migratórias.

## Abstract

This article aims to understand how haitian migration networks constitute themselves in the whole process. Knowing that, family is an important issue at this theme, it is given a greater emphasis in how parents can make this connection work or not. It is intended to comprehend how these networks are constituted and what is their importance in the whole process. Having the knowledge that migration is collective activity, the migrant owes a return to the people who helped him to accomplish the migratory project, and this return can be given by money remittances or the migration of relatives to the destiny place of the migration project.

**Key words:** Family; Haitian migration; Migration networks.

## 1 Introdução

O presente artigo visa compreender como as redes migratórias compostas por familiares influenciam no projeto diaspórico haitiano. A partir desse ponto principal pretendo discutir o que torna o processo migratório bem sucedido ou não, como as relações baseadas em parentesco se inserem na migração, ainda que alguns membros permaneçam no país de origem.

A questão que mobiliza o presente trabalho

é entender a centralidade das famílias nas redes migratórias de haitianos. A partir dos dados bibliográficos coletados, percebe-se a constância em que migrantes citam suas redes migratórias e sua importância para que conseguissem chegar ao seu país de destino. Então, a partir desses dados surge o interesse de tratar com uma maior profundidade e sensibilidade essas redes, para compreender como se fundamentam e também qual o

nível de influência dessas conexões no projeto migratório.

Sendo uma pesquisa de base bibliográfica, tem-se como base a obra de Joseph Handerson, que atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Handerson é haitiano e dedicou sua produção acadêmica para compreender o processo migratório haitiano. Em sua tese de doutorado “Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa” (2015), o autor descreve a rota migratória que realizou junto aos seus compatriotas haitianos para entender, por completo, os seus processos. Ao longo da sua obra, Handerson coloca um enfoque nas redes familiares de migração, sua grande influência na idealização e concretização de projetos migratórios. Além do trabalho de Handerson, servem como objeto de análise as obras “Voy después de ti: Aproximación etnográfica de las redes migratorias haitianas en Venezuela” de Carlos Romero Bermúdez (2017), “Migraciones haitianas en la región Andina” de Iréri Ceja Cárdenas (2015) e “Travellers of the Caribbean: Positioning Brasília in haitian migration routes through Latin America” de Gutavo Dias, João Carlos Silva e Sidney Antonio da Silva (2020).

A mobilidade sempre foi um fator constitutivo da sociedade haitiana, sendo assim, um fator importante culturalmente para essa sociedade. Na década de 1990 os fluxos migratórios haitianos se intensificam no espaço transnacional. Atualmente, um dos grandes objetivos do cidadão haitiano é conseguir ter uma migração bem sucedida, para que consiga viver bem no exterior e também emigrar familiares que tenham permanecido no Haiti.

Outro ponto que se faz necessário para a compreensão do artigo, é a utilização do termo migração,

que é empregado sem o “i” ou o “e”. De acordo com Dias, Silva e Silva (2020) o processo migratório é composto por diversos deslocamentos, assim, não sendo uma rota com início e fim. Logo, como não podemos afirmar qual será o destino final do processo, não se pode falar em emigrante ou imigrante, mas sim, migrante, o indivíduo que migra.

Para uma maior compreensão da migração haitiana é necessário conhecer o país antes do terremoto de 2010. Uma nação, que foi pioneira no processo de independência na América Latina, de acordo com Neiburg (2010) vive uma crise antiga, que se agrava no ano de 1986 com o fim da ditadura dos Duvalier. De acordo com o autor, no período pré-terremoto, já possuía, em Porto Príncipe, a capital do país, um índice de 80% de desemprego e 80% de importação de alimentos. Neiburg (2010) afirma que existem três elementos base para a retroalimentação do sistema de pobreza e desigualdade instalado no Haiti que são o peso da força estrangeira, a denúncia da ausência de um Estado haitiano e a necessidade urgente de ajuda à população local. Além dos pontos abordados pelo autor é necessário incluir os impactos colonialistas que pesam na construção da nação. Um país que, tanto antes quanto após o terremoto, possui como os dois principais itens do PIB (Produto Interno Bruto) as divisas geradas pela cooperação internacional e as remessas enviadas pelos haitianos em diáspora.

Ainda pensando no contexto pré-terremoto, Cárdenas (2015) define duas ondas de migração haitiana. A primeira ocorre no início do século XIX, com a queda da indústria açucareira, os haitianos têm como destino, principalmente, Estados Unidos, Canadá e França. A segunda, ocorre em 1957, quando o Duvalier assume o poder e se declara

presidente vitalício, e tem como destino os Estados Unidos.

A centralidade no que tange os projetos migratórios no Haiti se dá, de acordo com Handerson (2015), a partir da célula familiar, que é de onde se transmite a identidade. Nesse sentido, a ligação com a família faz com que o indivíduo saiba seus deveres para com a comunidade que ele deixou em seu país e também se lembre de onde veio e o porquê de sua migração. É importante perceber que a família possui um papel de memória, para mostrar como aquele indivíduo chegou a seu lugar de destino e atingiu seus objetivos. É na célula familiar que se encontra o apoio, mas também a cobrança de devolver o investimento que lhe foi feito e também de ajudar aos próximos que migrarão.

Para conseguir explorar alguns aspectos que envolvem a temática das redes migratórias e analisá-los de forma a cumprirem com os objetivos específicos desse trabalho, o presente artigo divide-se em três partes principais. A primeira trata sobre a diáspora[1] haitiana, como esse termo é conceituado e como as redes familiares constroem um ser diáspora.

Posteriormente, será analisada em específico a rede familiar, e como esta se insere no processo migratório, buscando compreender quais são as suas funções e verificando o tipo de apoio dado para que os migrantes consigam obter sucesso em sua trajetória.

Por fim, à luz desses projetos migratórios, com ativa participação da rede familiar, será feita uma breve análise, a partir de dados bibliográficos, da imigração haitiana para o Brasil a fim de entender, especificamente nesse fluxo, qual seria o papel das famílias nas redes migratórias haitianas, e por que o Brasil se torna um destino para os haitianos, tendo em vista a longevidade do processo migratório haitiano

e a recente inserção do Brasil como rota neste fluxo.

## 2 Diáspora haitiana

Para iniciar a seção sobre diáspora é necessária a contextualização e conceitualização do termo. Começando por Hall (2009), o autor traz a diáspora, a partir do contexto africano, como resultado do processo colonizador europeu, que introjetou a ideia de uma superioridade frente às suas ex-colônias, fazendo com que os países emergentes desenvolvessem o desejo de ser como os países ditos desenvolvidos. Para o autor, essa mentalidade de inferioridade perante aos países desenvolvidos, faz com que os indivíduos que residem nas ex-colônias acreditem que os produtos produzidos no exterior sejam de melhor qualidade. Sendo assim, essas localidades poderiam prover uma melhor condição de vida para esses sujeitos, e a solução desse processo é a migração. Outro ponto a ser abordado é o da esperança do retorno, essa volta se faz necessária para que haja uma confirmação de que o indivíduo está vivendo melhor no exterior do que estaria em seu país, assim, confirmando a máxima de que os países desenvolvidos estão aptos a darem melhores condições de vida. Por fim, o autor afirma que a diáspora conecta múltiplas comunidades de uma população dispersa, ou seja, não se possui apenas uma cultura dentro desses seres diáspora e eles as ressignificam para utilizá-las em contextos distintos.

Pensando o conceito de Hall (2009), o autor argumenta que os migrantes são portadores de identidades múltiplas além das trabalhistas, estando vinculados a diversas localidades, não necessariamente, restritas aos locais de partida e chegada. Bermúdez (2017) traz o conceito de campos sociais transnacionais, que seriam

exatamente o conjunto de relações transnacionais estabelecidas pelos migrantes haitianos, no qual eles conseguiriam manter suas conexões com os indivíduos que permaneceram em seu país, mas também estabelecer novos contatos com indivíduos de novas localidades.

Ainda discutindo o termo diáspora, de acordo com Clifford (1999), nos movimentos diaspóricos os indivíduos são bilocalizados e habitam uma fronteira. Um local de travessia, lugar esse que é regulado não somente pelo país que ele será recebido, mas também pelo seu local de origem. O autor sugere que os pontos principais da diáspora são: a sua história de dispersão, a alienação no país que o recebe, o desejo do regresso, os mitos e memórias que o mantêm conectado com sua terra natal, o apoio ao seu país de origem e a identidade coletiva como base da relação entre os que migram e os que ficam. É trazido como marco do movimento descrito acima a diáspora judia, na qual não se tem um centro único de origem de deslocamento, mas sim de destino, são indivíduos vindos de diversas localidades unidos pela sua identidade étnico religiosa. Aqui, o ponto mais importante é como a cultura forma o pertencimento diaspórico. Ainda pensando sobre o vínculo identitário, sabe-se que existe uma separação física entre o migrante e sua terra natal, porém seu compromisso com as pessoas que lá estão não acaba, logo, há uma sensação de copresença, viver aqui, nesse país para o qual migrei, porém recordar e desejar esse lugar que deixei.

Para além da noção tradicionalmente conhecida de diáspora, no Haiti, esse termo possui uma utilização específica. De acordo com Handerson (2015), é também utilizado para designar os compatriotas

residentes no exterior, que por muitas vezes retornam temporariamente ao país, para logo em seguida voltarem ao exterior. O campo semântico e polissêmico do termo está articulado por três verbos associados à diáspora: residir no exterior, voltar ao Haiti e retornar ao exterior.

Dessa forma, percebe-se que diáspora não é um movimento para os haitianos, mas sim um ethos. Uma pessoa que está dentro de um estilo de vida, que é constituído por três fases: ir para o exterior, retornar ao Haiti durante um período delimitado, normalmente nas festas de final de ano, e depois voltar ao estrangeiro para o país no qual trabalha. Não existe uma expectativa de retorno permanente para o Haiti, diferente do que se propõe no conceito de diáspora clássico no qual se almeja o retorno definitivo. No contexto haitiano, se ocorre esse tipo de volta ao país significa que o diáspora não foi bem sucedido no exterior. Outros elementos que são ligados a esse migrante também são denominados diáspora, como as grandes festas dadas por eles a fim mostrar o seu poder aquisitivo. Como mostra Handerson (2015):

a volta deve mostrar sucesso pessoal e coletivo da diáspora. Não há diáspora haitiana sem volta temporária, não é um retorno, mas sim uma nova chegada. Essa última ideia deve ser explicada nas próprias categorias e expressões nativas. Os haitianos não usam a palavra créole *tounen*, significando retorno, para descrever a experiência da nova chegada da pessoa diáspora, mas sim as expressões *diáspora rive*: (diáspora chegou) ou *diáspora vini*: (diáspora veio), do ponto de vista dos que ficaram. Os viajantes utilizam a expressão *diáspora pral vizite Ayiti* (diáspora vai visitar o Haiti) ou *diáspora ap desann Ayiti*, literalmente “diáspora vai descer para o Haiti”. (Handerson, 2015, p.10).

Ao analisarmos a expressão diáspora vai descer para o Haiti, percebe-se um ponto dito por Hall (2009), no qual esse processo diaspórico é criado pelos países europeus colonizadores e mostra a vontade dos haitianos de migrarem para o norte global. Mais uma vez enfatizando as diferenças entre uma migração Sul-Sul, que muitas vezes, faz parte de um projeto migratório para chegar ao destino final, que seria um país do norte global. Para que nesse momento, ele se torne um migrante de sucesso, que cumpriu com seu projeto migratório.

Além disso, percebe-se que o termo diáspora é de autodesignação e de alteridade, ele trabalha com a função de mostrar para a sociedade haitiana não somente o sucesso pessoal, mas também do coletivo da diáspora. Contudo, nota-se também que, existem diversas regras para que um indivíduo tenha o direito de possuir o termo diáspora. Primeiramente ele tem que voltar ao Haiti para datas festivas, como natal, ano novo e dia de ação de graças, no intuito de visitar a família, se ele não volta é um sinal de que não possuiu algum tipo de regularização e não consegue sair do país que está imigrado sem a certeza da volta ao estrangeiro. (Handerson, 2015, pp. 13)

Do ponto de vista dos que ficam, a volta da pessoa diáspora constitui um ato e uma demonstração de fidelidade ao Haiti e aos familiares (Handerson, 2015). Essa fidelidade no retorno, remessas e afins é encontrada também em outros contextos migratórios, como o analisado por Lobo (2014) na ilha da Boa Vista, em Cabo Verde. De acordo com a autora, essas relações de cooperação constroem identidades e pertencimento, ou seja, por mais que esse indivíduo não more em seu país, ele se faz presente a partir de outras vias, sendo uma

forma de reforçar continuamente os laços de pertença.

Essa nova chegada pode ser entendida de acordo com Turner(1974) como a fase liminar de um ritual. Tendo em vista que o autor desenvolve que os rituais são constituídos por três fases, a pré-liminar (antes do ritual acontecer), a liminar (durante o ritual) e a pós-liminar (após o ritual). Sendo que a segunda é o período em que o indivíduo está em evidência, que o observam, para analisar qual é o seu desempenho em tal atividade. Para que após o fechamento do ciclo, possam avaliar tal processo migratório como bem sucedido ou não, dando ao sujeito uma melhor posição no estrato social haitiano.

Essa relação dos diaspora com os seus familiares é pautada por diferentes níveis de dádivas, sendo trocas materiais ou de favores. Sendo uma relação dadivosa, ela é pautada no seu “caráter voluntário”, a partir de Marcel Mauss (2013[1924]), temos que:

o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações. Elas assumiram quase sempre forma de regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social, e quando há, no fundo obrigação e interesse econômico. E não obstante indicarmos com precisão os diversos princípios que deram esse aspecto a uma forma necessária da troca – isto é, da própria divisão social do trabalho (MAUSS, (2013[1924]), p.10-11).

Tendo como base essa passagem de Marcel Mauss (2013[1924]) e a força dos laços de sangue[2], trazidos por Joseph Handerson (2015), é possível perceber que esses laços tem base em uma materialidade. Exemplificados nos presentes que os migrantes oferecem aos familiares

e amigos que permaneceram no Haiti, trocas essas que parecem assumir caráter obrigatório. Entretanto, se não há essa troca, o migrante torna-se um fracassado, pois não tem condições de presentear quem o ajudou a migrar e perde o título de diáspora, pois um diáspora sempre possui uma migração bem sucedida. Assim, nota-se que esse regalo é algo obrigatório no processo migratório, para que ele seja concluído com sucesso e todos os indivíduos da comunidade saibam que esse resultado foi positivo, tanto para o migrante quanto para a sua rede.

Analisando essas materialidades e obrigatoriedades de troca a partir de Lobo (2014), compreende-se que esses câmbios são afetividades. Faz parte do projeto migratório que ambos os lados mandem presentes, do lado de quem fica, são mandados objetos ou cartas para que o migrante lembre-se de sua casa, de seu país, de sua família. Do lado de quem partiu se espera bens de valor para que ajude quem ficou no país, essas atribuições mostram afeto e que uns se importam com outros.

Para exemplificar como se organizam essas relações no Haiti, Handerson (2015) traz que:

É necessário perceber que existe um ritual para mostrar o quão bem-sucedidos são os seres diáspora no exterior. Compram-se vestidos, tênis, sapatos, perfumes, presentes, além de juntar dinheiro para levar ao país, a viagem de volta é planejada com bastante antecedência. Quando chegam, os que possuem um maior poder aquisitivo alugam carros de última geração; exibem os vestidos de marca, os cordões de ouro; financiam festas para familiares, amigos e conhecidos, sendo chamados normalmente de gwo diáspora (grande diáspora) (HANDERSON, 2015, p.13).

Todavia, não necessariamente esse diáspora está em boas condições fora do Haiti, exigindo uma

preparação para a nova chegada ao território haitiano. Todo esse ritual é feito anualmente para mostrar que o sucesso foi alcançado no exterior, e para mostrar aos indivíduos da comunidade que ainda não migraram que o estrangeiro provê melhores condições de vida que o Haiti, que se ganha muito mais dinheiro fora do que dentro do território haitiano. Assim, trazendo a migração como a solução dos problemas sociais e econômicos.

É de fundamental importância analisar o ser diáspora também como indivíduo social, que se encontra no topo hierárquico dentro do sistema de hierarquias sociais haitianas, e na base se encontram os que falharam em seu projeto migratório e retornaram ao país de origem. Pelo fato de que no Haiti desde criança a migração aparece como objetivo, quando se migra e ainda se obtém sucesso sobre tal, o indivíduo merece o mais alto nível de prestígio social. Notoriedade essa não dada somente pela comunidade de civis, mas também por grandes autoridades haitianas.

Para colocar o debate sobre linguagem, tem-se como base a obra “Pele Negra, Máscaras Brancas” de Frantz Fanon (1952). Primeiro, é necessário compreender que falar é assumir a cultura de uma civilização, assim, a partir do momento que se expressa em outro idioma, o indivíduo está também reproduzindo traços culturais dessa nova oralidade. De acordo com Fanon (1952) é uma questão de status falar francês como os franceses, com o sotaque típico da localidade, pois isso mostra que ele absorveu a cultura do país, e agora está mais perto daquela civilização, ele está cada vez mais branco.

O migrante possui uma oralidade perfeita está tão habituado com essa forma de linguística que se

esqueceu como se fala algumas palavras em creole. Pelo fato não ter contato com tal idioma há muito tempo, o que nos dias atuais não é uma realidade, pois como se faz o processo migratório em redes e com o avanço das tecnologias, os migrantes falam com seus conterrâneos diariamente. Para exemplificar a questão da oralidade, Handerson (2015) traz que:

É característica de sua linguagem, a pessoa diáspora incorporar, por exemplo, quando fala o créole, palavras em língua estrangeira. Os vindos dos Estados Unidos usam *but, so, what*; os da Guiana Francesa, *mo, to*, pronomes do créole guianense; os da França, *maison, monsieur*. Os comportamentos, os valores morais do sucesso e a hierarquia social, características da pessoa diáspora no Haiti, criam, no imaginário dos que residem nesse país, viver no estrangeiro ser melhor do que *lakay* (literalmente a casa, mas aqui significando a terra natal). Mesmo entre aqueles com empregos no país, ocupando cargos no governo, nas agências internacionais, possuindo empresas particulares, ganhando salários entre US\$ 1.000 a US\$ 3.000 por mês – valores altos para os padrões haitianos – boa parte escolhe ir ao *peyi etranje* (país estrangeiro) para um dia ser diáspora. Assim, a mobilidade é cultivada como recurso para alcançar o progresso social, cultural e econômico do indivíduo (HANDERSON, 2015, pp.13).

Por fim, é necessário sabermos que todo esse processo ritual é cíclico e repetitivo e de acordo com Turner (1974) é esse o motivo de ser um ritual. É dado um significado a todos os estágios do processo. Para compreendermos melhor esse processo ritualístico é preciso entender como essas redes agem no projeto migratório.

### 3 As influências das redes familiares no processo migratório.

Como visto até agora, não há diáspora sem a célula familiar, pelo fato de ser por meio dela que se transmite a consciência identitária e os laços de pertencimento. Tampouco não há diáspora sem laços de parentesco, ultrapassando as fronteiras estatais. Estes laços familiares, permitem ao exilado não sucumbir ao isolamento destrutivo e não ser totalmente absorvido ou assimilado pela sociedade de acolhida. As redes de diáspora se apoiam, primeiramente sobre as redes familiares. (Bruneau, 2004, p. 45 apud Handerson, 2015). A partir dessa afirmação presente no texto de Joseph Handerson (2015), entende-se que a família é o pilar construtor do processo migratório e que, reside nessa instituição o maior apoio para o migrante. É parte das funções dessas redes familiares organizar como o diáspora irá chegar ao país desejado, desde a organização da sua primeira estada, onde irá dormir, etc. Todos esses aspectos são organizados pela célula familiar[3].

Para entendermos o que são essas redes familiares, Bermúdez (2017) conceitua que são uma forte expressão de solidariedade entre membros de distintas unidades domésticas vinculadas por relações de parentesco, que tem como objetivo fazer com que um determinado membro da família tenha êxito no movimento migratório. Esse tipo de conexão tem peculiaridades como seu acionamento antes que o indivíduo saia do Haiti, a possibilidade de financiamento da viagem, hospedagem e também o contato contínuo. Assim, percebe-se que as redes familiares apresentam vantagens que as redes baseadas em amizades e construídas durante o processo, não oferecem como hospedagem e financiamento da viagem, que são pontos que podem definir o sucesso ou não do projeto migratório.

Ao analisar redes migratórias, em geral, Krissman

(2005) critica muito o fato de ser traçadas as familiares como as principais. De acordo com o autor, deveriam ser incluídos nesse processo os empresários que estão em busca da mão de obra migrante. Pelo fato de que eles montam um novo tipo de redes entre migrantes, que faz com que indiquem e saibam onde há empregos para outros migrantes. Outro ponto abordado pelo o autor é que os laços ditos como mais fortes são os longínquos, para ele, os laços fortes são os feitos no dia a dia, que se apoiam e mostram os melhores caminhos a serem seguidos.

É necessário compreender que os laços de sangue são vínculos de familiares mais próximos, não necessariamente sendo de sangue. Podendo possuir como participantes desses laços sogras/noras, essas redes são pontes construtoras de relações, se investe no que se pensa que pode dar retorno. Logo, a família e os amigos investem no processo migratório de um parente para que ele possa migrar outras pessoas dessa mesma rede migratória. E, possuindo alguém no país destino, a migração possuiria menos barreiras, ou seja, assim seria mais fácil conseguir ser bem sucedido. Todo esse pensamento também se baseia na lógica de Marcel Mauss (2013[1924]), no qual é abordada a questão da reciprocidade, para que esse processo possua admiração deve ocorrer a troca, nesse caso, a troca do apoio das redes pela migração de um parente, nesse caso atribuindo uma similaridade com o kula descrito por Malinowski (2018[1922]) uma vez que não se devolve a dádiva diretamente para quem lhe oferece, mas se dá prosseguimento a uma rede.

Há uma relação indissociável entre família e diáspora. Mais do que enviar dinheiro e objeto, muitos daqueles no Haiti esperam do viajante *fi l* (solicitar visto permanente

para familiares próximos, pais, filhos e irmãos), “mandar buscar” (*voye chèche*); “entrar” (*antre*) alguns dos que ficaram. Esses verbos são utilizados e conjugados para descrever um “dever” (talvez o principal) de quem viaja. É comum a primeira pergunta feita a uma pessoa diáspora no Haiti: “quando vai ‘mandar buscar’ seu irmão?” (*kilè w’ap voye chèche frè’w la?*); “quando vai ‘entrar’ sua mãe?” (*kilè w’ap antre manman’w?*); “quando vai ‘fi l’ para seus filhos?” (*kilè w’ap fi l pou pitit ou yo?*). Os verbos *fil*, *voye chèche* e *antre* em crioulo podem ser utilizados tanto para as viagens por meio legal de uma solicitação de visto quanto para uma viagem clandestina financiada. É comum a pessoa diáspora receber críticas de alguém no Haiti por residir dez anos ou mais aletranje tendo filhos, irmãos ou pais no Haiti. Entrar, *fil*, mandar buscar algum membro da família constitui um valor moral da pessoa diáspora, é honrar a família diante dos vizinhos e dos familiares (Handerson, 2015, p. 10).

No caso etnográfico trazido por Joseph Handerson (2015), torna-se claro que é necessário para honrar o processo familiar de migração, que o migrante consiga levar do Haiti um parente ou amigo próximo, porque faz parte do seu dever como migrante. Caso ele não consiga e seja um diáspora, ou seja, retorna ao seu país para datas importantes, ele será bastante criticado, pois se ele tem sucesso o bastante para conseguir visitar sua família no período de férias, ele também deveria ser capaz de levar consigo algum parente próximo. Todos esses elementos circundam a teoria da dádiva de Mauss (2013[1924]), pois nada é dado simplesmente pelo prazer de ver o sucesso desse indivíduo, mas sim se espera que o sucesso dele possa afetar os seus de forma positiva. Nesse caso, uma migração bem sucedida, é um circuito de dádivas e contra-dádivas que são prestadas através das relações de parentesco.

Nota-se que existem dois tipos de laços familiares

base, o primeiro é o laço de família, um laço que é forte, um laço baseado na instituição familiar, no crescimento familiar, esse laço conta com o sucesso do migrante. E o segundo são laços mais distantes, de amigos que migraram e que podem ajudar o migrante de alguma forma na manutenção desse novo migrante no seu país de destino.

Portanto, pode-se dizer que os migrantes melhor sucedidos no seu projeto migratório possuem redes pessoais mistas e integradas: de um lado, um núcleo de laços fortes, baseados nas relações de parentesco mais imediatas capazes de garantir uma variedade de tipos e estratégias de apoio social, tanto de ordem emocional quanto material; de outro lado, relações de parentesco estendidas, amizade, vizinhança e colegas de trabalho que através dos laços fracos possibilitam maior vantagem quanto à busca de trabalho e moradia no destino, além de contribuir também para as estratégias de travessia (FAZITO, 2005, p.10).

Ao analisar laços nas redes migratórias, é necessário pensar como essas teias se constituem e quais comportamentos são esperados deles. Nesse sentido, Fazito (2005) afirma que:

as redes migratórias consist[e]m de laços sociais que ligam comunidades expulsoras a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Esses laços unem migrantes e não migrantes em uma teia complexa de papéis sociais e relações interpessoais complementares, mantidos por conjuntos informais de expectativas recíprocas e comportamentos prescritos. (...) [mas, além disso] Esses laços sociais não são criados pelo processo migratório mas antes adaptados a ele, sendo reforçados, ao longo do tempo, através da experiência comum dos migrantes (Fazito, 2005, p.04; grifos nossos).

Assim, o autor deixa claro que esses laços que formam a base das redes migratórias não são formados

por causa do elemento migração. A família, por exemplo, é algo dado, o indivíduo nasce com uma família, não se forma uma instituição familiar com base no processo migratório. Porém, as interações familiares se fortificam a partir da migração, elas unem os indivíduos para obter um sucesso ao final do processo, sucesso esse que pode beneficiar tanto a família quanto ao migrante.

Se faz necessário compreender que a migração não é um conceito estático e fechado, como às vezes é apresentado, sendo ele, um conceito que passa por diversas mudanças constantemente. É preciso saber que com as tecnologias atuais o contato entre as redes migratórias se dá a partir das redes sociais que eles operam, assim, se encontra com maior facilidade os migrantes em outras localidades que podem ajudar no processo migratório. Esses migrantes normalmente são parentes longínquos ou até mesmo amigos de amigos, mas essa rede de solidariedade é tão grande que é alimentada de forma muito espessa. (COGO, 2013).

Ao pensarmos a influência do advento tecnológico na vida social do migrante, é perceptível, como em Appadurai (2004), perceber que esse processo muda completamente as relações do migrante com seu país de origem. As notícias chegam muito mais rapidamente, e ele pode, por exemplo, assistir o telejornal que é transmitido em sua cidade. Outro fator de extrema mudança é o da comunicação, agora, os contatos são feitos com uma maior frequência e com mais detalhes por ser muito facilitada.

A partir dessa leitura, percebe-se que não é de grande utilidade possuir somente um tipo de laço. É necessário contar com laços fortes, pois eles podem não estar no exterior com o migrante, porém eles podem dar um apoio tanto econômico quanto emocional que os laços

mais fluídos não darão. Todavia, isso não quer dizer que os laços dotados de maior fluidez são desnecessários, pois esses estarão com o migrante no exterior, e poderão ajudar a conseguir um emprego e até mesmo encontrar um local para morar. O ideal é saber do que é necessário para se estabelecer e conseguir encontrar um equilíbrio entre as redes.

Ao analisar como essas redes migratórias se constituem, Silva (2017) apresenta que não são indivíduos que migram, mas sim a rede migratória, pois é a partir dela que se terá um estabelecimento no país destino. Esse migrante tem o papel de dar um retorno financeiro para as pessoas que o ajudaram a obter o sucesso migratório. Essa ideia, mais uma vez, retoma aos laços de sangue de Handerson(2015) e a ideia de dívida de Mauss(2013[1924]), todo o investimento feito no possível diáspora não é realizado por bondade, mas sim porque se espera algo em troca. Sendo esse objeto de troca uma casa no Haiti ou uma migração para o país que o migrante está imigrado.

Embora o projeto migratório concentre tanto laços fortes quanto fracos, a família participa ativamente na reprodução, distribuição e expansão de ambos tipos de vínculos entre migrantes e não-migrantes, na origem e no destino. Deste modo, as funções desempenhadas pelos arranjos familiares de migrantes parecem um tanto complexas e variadas (Fazito, 2005, p.11).

Percebe-se, que as famílias não somente constituem um apoio para quem está migrando, mas também criam oportunidades para que novas pessoas possam migrar. Em um país que possui em uma de suas bases a migração, essas redes são de extrema importância, pois elas se cruzam em diversos momentos e assim se ampliam. Fazendo com que o processo migratório se torne algo mais fácil de ser alcançado.

Ao analisarmos as redes domésticas de acordo com Boyd (2013) elas são a sustentação dos migrantes e definem quem migra ou não e são de extrema importância. Também vimos que o retorno é algo almejado no processo, mesmo que seja algo temporário no caso haitiano, pois o retorno traz novas informações para os migrantes. Assim, eles atualizam suas redes, vínculos e laços. E, no caso haitiano, entre 2010 e 2014, o país que se tornou parte da rota migratória foi o Brasil.

## 4 Imigração Haitiana no Brasil

O fenômeno da imigração haitiana iniciou no Brasil em 2010, após o terremoto que atingiu o Haiti em 12 de janeiro do mesmo ano. A entrada desses imigrantes no país se deu a partir da tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru, na cidade de Tabatinga- Amazonas; pela fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru, na cidade de Brasileia, Acre; e pelos aeroportos brasileiros, com maior concentração no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. É importante salientar que o Brasil não era a principal rota no fluxo migratório de pessoas de nacionalidade haitiana. A princípio, o país representava uma porta de entrada para chegar à Guiana Francesa e, também, uma forma de “corredor” para obter vistos para países como Estados Unidos ou Canadá (Handerson, 2016).

Sabendo que o Brasil é um país de passagem desses migrantes, pode-se trazer para debate a expressão diáspora desde trazida anteriormente no artigo, mostrando que, o real objetivo é chegar em um país do norte global. Alguns países do Sul global fizeram parte do momento de ascensão e acúmulo de capital desses indivíduos para que posteriormente eles possam

ser bem-sucedidos em um país dito desenvolvido.

Muitos migrantes haitianos visavam chegar à Guiana Francesa, que é Território Ultramarino Francês, e por esse fato, tem como sua moeda o euro. Dessa forma, as remessas enviadas da Guiana tem um maior valor ao chegarem ao Haiti, diferentemente das brasileiras, que por ter como moeda o real, torna essas remessas desvalorizadas.

Se a emigração não é uma novidade na história migratória do Haiti, em território brasileiro sua presença constituía um fato novo, que foi assumindo diferentes significados, à medida que tal fluxo foi aumentando nas fronteiras brasileiras. Num curto espaço de tempo, esses imigrantes se encontravam em todos os estados do Norte e Centro-Sul do Brasil, inserindo-se em diferentes atividades do mercado de trabalho. (SILVA, 2017).

Ao pensarmos na migração haitiana para o Brasil, Dias, Silva e Silva (2020) definem três fatores para que ela aconteça, o primeiro é o fato da MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti), que conta com tropas brasileiras, estar presente no território haitiano desde 2004, o segundo fator trazido pelos autores são as campanhas brasileiras que mostram o país com hospitalidade e crescimento econômico e o terceiro é o fechamento de fronteiras nos países como Estados Unidos e França e ações hostis com haitianos na República Dominicana. Quando colocamos em questão a MINUSTAH, é uma missão que tem suas contradições. Enquanto Cárdenas (2015), traz essa organização como um ponto positivo comparado a outros batalhões, por ser mais acessível, Maroni da Silva (2019), traz que essa missão não estava em condições de proteger os cidadãos, era uma força de violência no Haiti e violava a soberania haitiana. Os pontos trazidos

por Maroni da Silva (2019) podem ser um resultado dessa acessibilidade e abertura facilitada dos haitianos para com as forças armadas brasileiras. Logo, percebe-se que a MINUSTAH dividia opiniões entre os haitianos, assim, não podendo afirmar que ela possui uma influência positiva massiva para que os haitianos migrem para o Brasil.

Essa percepção sobre o Brasil muda com base nas grandes obras de infraestrutura que estavam sendo feitas no país – as da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016 – que se tornaram atrativos para aqueles que buscavam melhores condições de trabalho, pois, à época, o país passava por um bom cenário de crescimento econômico, estando entre os 10 maiores PIBs do mundo. As razões que possibilitaram a chegada desses imigrantes ao Brasil são das mais diversas: motivações políticas, sociais, econômicas, educacionais e etc., logo, o terremoto foi mais um motivo, dentre outros, a estimular o fenômeno da migração haitiana (Handerson, 2016).

Ainda assim, de acordo com Handerson (2015), o Brasil ainda era tratado de uma forma paradoxal, muitos o achavam um país muito bom, com grandes oportunidades de emprego, considerando que tinha uma economia emergente e estava em uma grande fase econômica. Momento esse que facilitava a entrada no Brasil, acrescentando-se do mito de que o país é uma grande democracia racial, um país que por sua grande miscigenação, não teria preconceitos, e assim, todos seriam tratados da mesma forma, independentemente da cor da pele. Outros já dizem que o salário mínimo é realmente mínimo, comparado aos dos Estados Unidos. Outro agravante da questão monetária, o custo de vida no Brasil, que é muito alto para quem

recebe apenas um salário mínimo por mês, esse fator somado a desvalorização do real perante as outras moedas causa nos migrantes uma frustração quando se trata de poder aquisitivo no Brasil. Especialmente para as capitais que eles iam, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília são cidades com o custo de vida muito elevado.

É importante ressaltar que a visão sobre o Brasil não muda apenas por causa das redes sociais no processo migratório. Porque sempre há uma imagem sendo vendida nessas redes, e normalmente, uma imagem que favorece o Brasil, trazendo o país como acolhedor, sem preconceitos. E fornecerá emprego para todos os migrantes, no qual eles poderão ter uma boa qualidade de vida.

Quando se trata da questão empregatícia, os haitianos foram durante muitos anos, principalmente de 2013-2016, os estrangeiros que estavam mais presente no mercado de trabalho formal brasileiro. É importante também analisar, a partir do gráfico 1 localizado no final do artigo, a queda dos vínculos empregatícios dos haitianos, principalmente por causa da crise que o país vivia na época, assim, causando queda na oferta de empregos.

Esses migrantes nos anos de 2014-2017 possuíam uma relevância *sui generis* no contexto da imigração no país, visto que, além de ser a principal nacionalidade no mercado de trabalho formal no Brasil—o setor da construção civil e o final da cadeia produtiva do agronegócio foram os principais responsáveis pela contratação de haitianos (Cavalcanti; Tonhati, 2017).

Embora ainda não tenha conseguido alcançar o patamar dos outros destinos haitianos, como Estados Unidos e França. O Brasil é uma possibilidade de migração para os haitianos, mesmo não sendo a ideal. Como aponta

Maroni da Silva (2019), é importante perceber que o Brasil não se torna ponto principal dessa rota por diversos fatores ligados ao emprego e também aos estudos, pois no país existe muita inconsistência de status, o migrante, na maioria das vezes não atua no país o que ele está capacitado a fazer, sempre é colocado para ele um emprego de menor status. Outro ponto importante é que muitos migrantes haitianos migram com a intenção de trabalhar e estudar, porém no Brasil, a vulnerabilidade desse indivíduo se torna um alvo fácil para a exploração trabalhista, logo, a prioridade migratória que seria o estudo não consegue ser atingida.

## 5 Considerações finais

Neste artigo, demonstrou-se que para que o processo diaspórico haitiano conclua seu ciclo e obtenha sucesso, a rede familiar é de extrema importância. Pois as trocas principais feitas do exterior para o Haiti visam chegar à família do migrante, e também pelo fato de que as redes familiares podem facilitar o processo migratório e aumentar as chances de sucesso.

Retomando o pensamento do ritual da volta ao Haiti, e posteriormente o retorno ao exterior, trazida por Joseph Handerson (2015), o migrante deseja sim mostrar seu sucesso para toda a comunidade com que ele convive. Porém, seu objetivo maior é mostrar a sua família que o processo migratório foi concluído de forma completa, e que agora ele está honrando a família dele tanto dentro quanto fora do país de origem.

Sobre o processo ritual da volta é importante perceber a diferença do exercício haitiano para os demais. No processo de diáspora conceituado por Hall (2009) existe um desejo de um retorno permanente ao país de origem, para

finalizar o projeto, diferentemente do haitiano, que prevê sim o retorno, porém temporário, apenas para visitar familiares e mostrar para todos como o projeto foi bem sucedido.

As redes familiares também são de extrema importância para adquirir contatos e dar apoio ao indivíduo que vai migrar. As conexões familiares não são núcleos solitários sem ligações com outras instituições, elas se comunicam entre si, criando pontes cada vez maiores, logo se cria uma grande conexão que facilita, cada vez mais, a chegada do migrante em seu país de destino.

É importante ressaltar também que os laços fortes e fluídos se comunicam, muitas vezes o primeiro que encontra o segundo para que haja uma interação e uma facilitação para na hora que o migrante chegue a seu país destino. Ou seja, os laços familiares são fundamentais para que o processo migratório seja bem sucedido.

Por fim, é necessário destacar que os projetos migratórios são específicos de cada projeto nacional, cada um possui suas peculiaridades e suas semelhanças. Não se pode analisar um projeto migratório sozinho, pois ele perde seu sentido, é necessário comparar os sistemas, e assim, compreender como cada um deles funciona.

## NOTAS

\*Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília.

- [1] O termo diáspora aparecerá em negrito quando estiver tratando da diáspora haitiana.
- [2] Tendo em vista que no Haiti, os laços sanguíneos não são apenas aqueles marcados pelo sangue, mas também os de afinidade. Exemplos: esposa, sogra e cunhado.
- [3] Célula familiar trazida como os laços sanguíneos,

os laços também constituídos por afetidades.

## ANEXOS

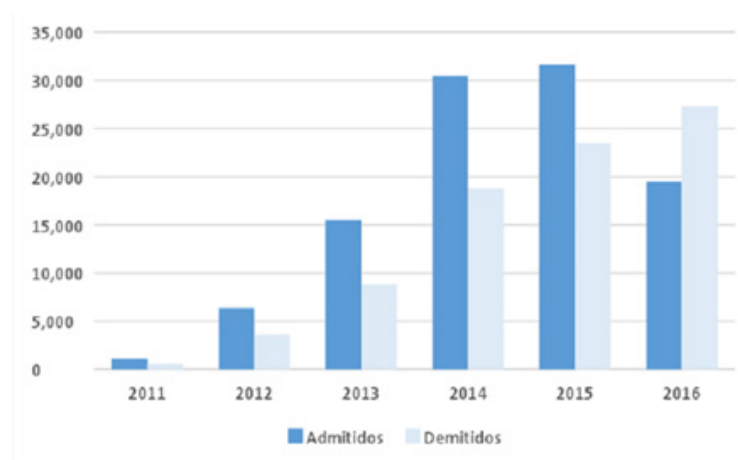


Gráfico 1. Total de haitianos admitidos e demitidos por ano no Brasil.  
Citado na página 15 do artigo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. Imigração haitiana e a relação com comunicação, consumo e trabalho. In: TRAVESSIA - Revista do Migrante. Dossiê migração haitiana e políticas públicas. Nº 80, p. 105-121, 2017.
- APPADURAI, Arjun. Dimensões Culturais da Globalização. 1996. Editora Teorema. 2004, pp.11-39.
- BERMÚDEZ, Carlos. “Voy después de ti.” Aproximación etnográfica a las redes migratorias de haitianos en Venezuela. 2017. In: Espacio Abierto, Cuaderno Venezolano de Sociología, vol.26, no.3, pp. 139-163.
- BOYD, Monica. Family and personal networks in International migrations: Recent Developments and New Agendas. 2013. In: International Migration Review, Vol. 23, No. 3, Special Silver Anniversary Issue: International Migration an Assessment for the 90's (Autumn, 1989), pp. 638-670.
- CÁRDENAS, Iréri. Migraciones haitianas en la región andina. 2015. In: Boletín del Sistema de Información sobre Migraciones Andinas, no. 19, pp.2-13.

CAVALCANTI, Leonardo; TONHATI, Tânia. Considerações Finais: características sociodemográficas e laborais da imigração haitiana. In: CAVALCANTI, Leonardo;

CLIFFORD. James. 1999. “Las Diásporas. In: Itinerarios transculturales. Editora Gedisa, pp. 299-442.

COGO, D. Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. 2013.

DIAS, Gustavo; SILVA, João Carlos; SILVA, Sidney. Travellers of the Caribbean: Positioning Brasília in Haiti migration routes through Latin America. 2020. In: Vibrant, vol.17.

FAZITO, Dimitri. A configuração estrutural dos arranjos familiares nos processos migratórios: a força dos laços fortes para a intermediação.

FANON, Frantz. “Pele negra, máscaras brancas”. 1954. EDUFBA Salvador, 2008, pp. 33-53.

Fonte do gráfico: Dados do Ministério do trabalho, CTPS, CAGED.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. 1992. 11ª edição. DP&A Editora, pp. 07-66; 77-90.

\_\_\_\_\_. Da Diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 25-48. 2009.

HANDERSON, Joseph. A Historicidade da (E)migração Internacional Haitiana: o Brasil como novo espaço migratório. In: CAVALCANTI, Leonardo; TONHATI, Tânia; DUTRA, Delia; OLIVEIRA, Marcio de (orgs.). A Imigração haitiana no Brasil: características sócio-demográficas e laborais na região Sul e no Distrito Federal. 2017. p. 85-106. Disponível em: [https://laemicceppac.files.wordpress.com/2017/12/livro\\_v3\\_sumario\\_atualizado.pdf](https://laemicceppac.files.wordpress.com/2017/12/livro_v3_sumario_atualizado.pdf)

\_\_\_\_\_. Diaspora. Sentidos Sociais e Mobilidades Haitianas. Horizontes Antropológicos.

(UFRGS), v.21, p. 51-78, 2015b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n43/0104-7183-ha-21-43-0051.pdf>>

KRISSMAN. Fred. Sin Coyote ni Patrón: why the “migrant network” fails to explain international migration. 2005. In: IMR Volume 39 Number 1 (Spring 2005): pp.4-44.

LOBO, Andrea. “Just bring me a little letter”: the flow of things in Cape Verde transnational family relations », Etnográfica, vol. 18 (3) | 2014, pp. 461-480.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1922. Ubu Editora, 2018, pp.149-176.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. 1924. 1ª edição Cosac Naify Portátil 2013, pp. 19-111.

MASSEY, D. et al. Words in motion: understanding international migration at the end of the Millennium. New York: Oxford University Press, 1998.

MARONI DA SILVA, Paloma. 2019. Um olhar sobre as dinâmicas de mobilidade: imigrantes haitianos como força de trabalho nas indústrias alimentícias de Encantado, RS. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, pp. 141-362.

NEIBURG, Federico. O Haiti antes e depois do terremoto. O Globo. 24 de janeiro de 2010. pg. 34.

SILVA, Sidney. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. Revista Brasileira de Estudos de População. Abril, 2017. Vol 34.

TURNER. Viktor. O processo ritual. 1974. Editora Vozes 1974, pp. 13-60; 201-245.